



(COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA)

Director, Proprietario e Editor
DOUTOR MANUEL MARQUES DOS SANTOS

Cercoado e impresso na Imprensa Commercial, 4 Sé — Leiria

Administrador: PADRE M. PEREIRA DA SILVA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA D. NUNO ALVARES PEREIRA
(BEATO NUNO DE SANTA MARIA)

Crónica de Fátima

(13 de Julho de 1926)

Ros pés da Virgem

PASSA hoje mais um anniversario — o nono — da terceira appareição da excelsa e gloriosa Rainha dos Anjos a três verdadeiros anjos da terra — os humildes e inocentes pastorinhos de Fátima. Esta data memoravel evoca no nosso espirito suaves e gratas recordações, um mundo inteiro de ideias e sentimentos, — expoente dum estado d'alma, que só lograrão comprehender cabalmente aquelles que teem acompanhado, desde o seu inicio, em todas as phases mais importantes, a sublime epopeia das appareições e dos acontecimentos maravilhosos da Lourdes portugueza.

Quem é que ha cerca de dois lustros seria capaz de prevêr a transformação assombrosa que se havia de operar naquelles logares aridos e desertos da serra d'Ayre, onde laços mysteriosos prenderam para sempre a terra ao Céu?

No dia 13 de cada mês, verdadeiras almas de eleição — o escol de Portugal fidelissimo — alli se reúnem, em numero de muitos milhares, desentranhando se numa exuberante florescencia de piedade, que sobremodo edifica e consola. E de mês para mês, de anno para anno, a torrente humana engrossa cada vez mais, levando aos pés da Virgem sem mancha o piedoso tributo das suas orações e das suas promessas, a homenagem sentida do seu reconhecimento e do seu amor.

Graças, Rainha bemdita, graças sem fim vos sejam dadas pela bondade que usastes para conosco, erguendo, no centro da nossa estremeçada Patria, o vosso throno augusto, para receberdes em audiencia e cumulardes de graças os filhos queridos que de toda a parte, correm a depôr no vosso regaço maternal, as almas agradecidas, os corações afflictos e confiantes ou os corpos atormentados por males humanamente incuraveis!

O clero e a peregrinação

A commemoração festiva do dia treze de Julho foi assignalada desta vez por um episodio, unico nos annos de Fátima, que imprimiu ás solemnidades religiosas um encanto de todo o ponto extraordinario.

Um sacerdote, recentemente ordenado, celebrou, alli, pela primeira vez, o augusto sacrificio dos nossos altares.

Desde o romper da manhã, as missas succederam se umas ás outras, sem interrupção, nos três altares da capella nova. A multidão, que se comprime em torno do pavilhão dos doentes e se distribue pelos locais do costume, sobretudo junto da capella das appareições e da fonte miraculosa, embora menos numerosa que no mês anterior, eleva-se comtudo a alguns milhares de pessoas. Attrahe a attenção de todos o avultado numero de sacerdotes e seminaristas presentes, facto devido á circumstancia de ter já começado a epocha das ferias grandes.

Quasi todos se encontram no pavilhão dos doentes, assistindo ás missas e juntando as suas orações ás orações dos fieis. Na sacristia alguns sacerdotes ouvem de confissão homens e rapazes. De vez em quando um delles, revestido de sobrepele e estola, administra o Pão dos Anjos.

É então o mavioso cantico popular «Bemdito e louvado seja» rompe de milhares de peitos, numa enterneçada explosão de Fé e amor a Jesus Hostia.

Entretanto, como se approxima a hora da Missa dos doentes, organiza-se o cortejo do costume para conduzir a estatua de Nossa Senhora do Rosario da capella das appareições para a capella das missas. E' indescritivel o entusiasmo da multidão, que saúda commoivamente, acenando com os lenços, a augusta Virgem do Rosario, na sua Imagem formosissima, que parece uma radiosa visão do Paraíso.

A Missa Nova

Ao meio-dia astronomico, officialmente uma hora e trinta e sete minutos — sóbe ao altar-mór o novel sa-

cerdote dr. Galamba d'Oliveira. Vae celebrar a sua primeira missa. Nas suas mãos, recém-sagradas pelo Prelado de Leiria, o ex.^{mo} senhor D. José Alves Correia da Silva, encarnará d'ahi a pouco, como outrora no seio virginal de Maria, o Verbo Eterno de Deus. Rodeiam o altar amigos e parentes do novo levita. A sua familia, por deferencia especial do venerando Anistite, occupa um logar reservado na varanda do pavilhão, proximo da ara santa. E' a primeira vez que um sacerdote canta missa no local das appareições. A expectativa da multidão augmenta de anciedade a cada instante. A commoção, impossivel de dominar em hora tão solmne, apodera-se do ministro sagrado e, á medida que se approxima o momento supremo e ineffavel da Consagração, torna-se mais intensa e mais profunda. Dos seus olhos correm lagrimas a fio, testemunhas mudas mas eloquentes da sua piedade, da sua gratidão e do seu amor.

Ao Evangelho o rev. Luiz de Souza, orador de largos recursos, que prégou em substituição do rev. Silva Gonçalves, de Braga, que á ultima hora, por motivo de força maior, não pode comparecer, desenvolve com proficiencia o thema *Ecce Mater tua* e dá os emboras ao celebrante pela imminente dignidade de que foi revestido e pela graça sem igual daquelle dia inolvidavel. Uma campanha faz-se ouvir. E' agora o ponto culminante do acto augusto que se está realisando: a Consagração. As mãos do sacerdote tremem por effeito da commoção que lhe vae n'alma e a custo levanta entre o Céu e a terra a Hostia propiciatoria.

A assistencia, intensificando a attenção e o recolhimento, ora fervorosamente, supplicando ao Céu benções escolhidas para o novo levita, a conversão dos peccadores, a cura ou a resignação para os doentes, remedio ou lenitivo para todas as miserias physicas e moraes que affligem a pobre humanidade.

A benção dos doentes

Recitadas as ultimas orações, o rev. dr. Galamba toma nas mãos a Custodia com a Hostia Sacrosanta e desce os degraus do altar para ir abençoar

os doentes que se alinham em numerosas filas no recinto do pavilhão. Vêm-se allí victimas de todos os flagellos, verdadeiros farrapos humanos que excitam á compaixão os corações mais duros e insensíveis. Apesar dos seus sofrimentos, todos esses infelizes mostram uma resignação que admira e encanta. E' este um dos momentos mais solennes e commoventes das commemorações religiosas do dia treze.

Organisa-se o pequeno cortejo que faz a guarda d'honra a Jesus no seu Sacramento de amor. As Servas de Nossa Senhora do Rosario, como anjos visiveis vestidos de branco, abrem o cortejo, edificando os circunstantes com o ardor da sua Fé e a ternura da sua piedade. Nos rostos dos pobres doentes, em que a violencia do mal vincou traços indeleveis, macerando os e desfigurando-os, brilha, sobretudo nos olhos, um vivo clarão de esperança.

Elles sentem, como outrora os doentes da Palestina, que Jesus passa fazendo o bem — *pertransiit benefaciendo* — e crêem e confiam no seu poder e na sua misericórdia. Do alto do pulpito o rev. dr. Marques dos Santos faz as invocações do costume, que são repetidas pela assistencia, como doloridos gritos d'alma que penetram o Céu. E o Divino Samaritano, cheio de bondade e amor, occultando se na Hostia immaculada, onde só o divisam os olhos da Fé, derrama graças e benções sobre aquelles corações ulcerados por máguas tamanhas, lenitivo e conforto sobre aquelles corpos torturados por dores incommportaveis.

Terminada a cerimonia da benção aos enfermos, o celebrante sobe de novo ao altar e, depois de cantado o *Tantum ergo*, abençoa tambem com o Santissimo as dezenas de milhares de fieis prostrados a seus pés. Por fim effectua-se a tocante cerimonia do beija mão, que impressiona sobre maneira todos aquelles que a ella assistem, vendo se muitos olhos marejados de lagrimas.

A despedida

Antes do beija mão tem lugar o ultimo acto official da peregrinação.

A linda esttua de Nossa Senhora do Rosario, exposta durante todo o dia á veneração dos fieis, é reconduzida para a sua minuscua capella, no meio de aclamações e de canticos. Junto do santuario commemora-tivo das aparições aglomera-se agora uma multidão enorme. Todos querem vêr, saudar, oscular a bendita imagem.

E os servitas, com uma paciencia inaudita, nunca desmerada, regulam o tranzito dos devotos, que passam rapidamente deante da esttua da Virgem, depois de satisfazerem as exigencias da sua piedade. A assistencia vae se dispersando pouco a pouco. Na estrada districtal ainda estacionam alguns vehiculos, mas vão rareando, á medida que o tempo passa.

As estradas e caminhos que conduzem á Cova da Iria transbordam de peregrinos que regressam apres-sados aos seus lares distantes. E no

local das aparições apenas um ou outro devoto se demora a rezar as ultimas préces, sentindo no coração opprimido o delicioso pungir da saudade, ao apartar-se daquella estancia bendita, que a celeste Padroeira da Nação santificou com o contacto purissimo dos seus pés virginaes, para gloria de Deus, salvação eterna das almas e felicidade espiritual e temporal dum Portugal maior.

Visconde de Montello

As curas de Fátima

Setubal, 10 de Maio de 1926.

Rev.^{mo} Sr. Director da *Voz da Fátima*

Para honra e gloria de Deus e da SS.^a Virgem, venho implorar de V. Rev.^{ma} a especial fineza de publicar no jornal *Voz da Fátima* o grande milagre, que esta Mãe do Ceu acaba de operar a favor do meu marido.

Sofria este, ha 16 anos, de uma ulcera no estomago, que o atormentava indizivelmente, declarando alguns médicos, que consultou, que só por meio de uma operação, a que elle sempre se recusou, poderia conseguir alguns alivios. Nessa ocasião, ouvimos narrar diferentes prodigios que N. Senhora do Rosario da Fátima havia operado em beneficio de enfermos, que recorreram á sua Protecção.

Levados pela mesma confiança, pedimos lhe que nos valesse em tão grande afflicção, prometendo lhe irmos pessoalmente ao logar das aparições e ofertar lhe uma joia em ouro, se se dignasse cura-lo sem ser preciso recorrer á operação.

O doente, durante 10 mezes consecutivos, não deixou, um só dia, de recitar o Terço do Rosário, bebendo juntamente algumas gotas da agua miraculosa. Mas, oh! decepção! Precisamente, ao terminarem esses 10 mezes, agravaram-se os seus sofrimentos tão extraordinariamente que foi preciso chamar, a toda a pressa, o médico que o tratava.

Quando este chegou, apenas conseguiu verificar que a ulcera havia rebentado; e o enfermo parecia a todos os momentos succumbir.

Numa indizivel afflicção levantei os olhos ao ceu, pedindo ainda com mais fervor á SS.^a Virgem a sua cura, prometendo lhe fazer a publicar na *Voz da Fátima*, caso a chegasse a obter.

Dignou-se a SS.^a Virgem despachar favoravelmente as minhas supplicas, porque o doente começou logo a experimentar sensiveis melhoras, e hoje encontra-se bem, podendo, sem difficuldade alguma, entregar-se á mesma vida de trabalho, que antes tinha.

Para prova do que affirmo, remeto junto com esta, o atestado médico, devidamente autenticado.

A esposa do miraculado

Maria Luíza Vaz

Atestado

Miguel Maria Gonçalves Fonseca Junior, Doutor em Medicina e Cirur-

gia pela Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa:

Atesto, sob palavra de honra, que em Setembro de 1925 fui chamado para ver o Ex.^{mo} Sr. Manuel José Soares Vigario, maritimo, morador na rua das Barrocas, de 55 anos de idade, que sofria ha quinze anos do estomago. Fui encontra-lo com abundantes hematemeses e melenas, queixando-se de violentissimas gastralgias e num profundo estado de anemia. Fiz o diagnostico de ulcera gastrica e comecei a trata-lo, conseguindo ve-lo ao fim do mez, entrar em franca convalescença. Actualmente encontra-se muito bem, parecendo que a ulcera está cicatrizada.

Setubal, 24 de Abril de 1926.

Miguel Maria G. Fonseca Junior

Porto Mendo, freguezia de Santa Maria Magdalena, concelho de Tomar, 10-4-1926

Rev.^{mo} Senhor

Ha dois anos, não tendo minha mulher leite para crear um nosso filhinho, consegui alimentar-o a *biberon* até aos 5 mezes, mas depois sobreveio lhe uma enterite e morreu.

Em 30 de março d'este ano tendo-nos nascido outro filho, minha mulher toda se apouquentava por não ter leite para o criar. Em minha casa não havia senão tristeza e lagrimas.

No dia 9 de Abril cheguei á noite a casa e encontrei as scenas do costume: a mãe a chorar, o filho a chorar com fome pois que uma vizinha que vinha a nossa casa, faltou nesse dia.

Ao ver isto chorei tambem.

De repente veio-me a ideia salutar de recorrer a Nossa Senhora do Rosario da Fátima.

Recomendei a minha mulher que banhasse os peitos com agua da Fátima e prometi o meu cordão d'ouro.

Ao voltar no dia 10 do trabalho diz-me minha mulher: vae dar graças á Virgem Nossa Senhora do Rosario da Fátima que já tenho leite para crear o nosso filho.

No dia 13 de maio fui á Cova da Iria levar a minha promessa e lá hei de voltar as vezes que puder para mostrar o meu agradecimento por esta tão grande graça.

De V. Ex.^a etc.

João Baptista Carlos

Lisbõa, 25 de Agosto de 1925

Rev.^{mo} Senhor Director da *Voz da Fátima*.

Venho pedir a V. Rev. a publicação da seguinte graça:

O ano passado, estando eu ausente, soube que minha filha se achava bastante doente, o que muito me affligiu. Recorri, então, cheio de fé, á Nossa Senhora do Rosario da Fátima, pedindo-lhe a sua cura, e prometi-lhe tornar conhecida esta graça. Passados dias, quando regresssei, com grande surpresa minha, não só encontrei minha filha restabelecida, mas melhor do que quando a tinha deixado!

Mais uma vez Nossa Senhora mostrou o seu grande poder e que nunca abandona os que n'ela confiam.

Pedindo desculpa do tempo que lhe tomei, sou

De V. Rev., etc.

Maria Pedroza Mathias

Henzaltina de Jesus Serras, de 15 anos de idade, padecendo desde pequenina duma grande fraquesa no estomago, vomitava em todas as occasiões que comia ou bebia. Consultando alguns médicos não foi possível alcançar melhoras.

Lembrando-se ela e seus pais de Nossa Senhora da Fátima, conseguiram ir no dia 15 de maio de 1925 fazer-lhe uma visita e bebendo a pequena da milagrosa agua de Nossa Senhora do Rosario da Fátima com muita fé e esperança de melhoras.

Foi tão milagroso o remedio que nunca mais tornou a vomitar. Já come de tudo e bebe sem lhe fazer mal.

Hoje acha-se gôrda e já pôde trabalhar.

Pensam seus pais ir no dia 15 do corrente a Fátima agradecer a Nossa Senhora a graça recebida, e pedem a publicação na *Voz da Fátima*.

Códex (Sardoal), 8 de Maio de 1926

Antonio Serras

O Rev. Sr. Padre Antonio José da Costa, pároco da freguezia de Cabana Maior (Arcos de Vale de Vez), tendo recebido uma graça de Nossa Senhora do Rosario da Fátima, agradece e envia uma pequena esmola para auxiliar as despesas do culto.

Abrigo para os doentes peregrinos da Fátima

Transporte	4.355:600
D. Maria da Rosario Costa	10:000
Antonio Varela Gomes	10:000
Francisco Sampaio Barbosa	25:000
Uma anonima exilada em França	130:000
D. Laura Pinheiro	10:000
Soma	4.540:600

Envenenada!

Chôra uma pobre mãe desfeita em pranto os desvarios de uma filha.

— Era um anjo, exclama no auge da sua dôr, e está perdida! Já não reconheço a minha filha, tão piedosa, tão docil, tão obediente... e tão mudada, tão outra a vejo agora!...

Nisto entra-lhe no quarto uma antiga creada, que por uma longa e provada dedicação se tornára a confidente das suas amarguras e era considerada quasi pessoa de familia.

— Tem razão, minha Senhora, tem razão: a menina ha muito que estava envenenada...

— Envenenada? que dizes tu?

— Sim, envenenada na intelligencia e no coração. E, se me dá licença, eu digo quem lhe propinou o veneno.

— Fala, fala, tira-me d'esta angustia.

— A angustia não lh'a tiro, que antes lh'a aumento, porque o veneno, foi a senhora que lh'o tem dado com

as leituras dos romances e dos folhetins. . .

— Ora, que lembrança a tua!

— Não via a senhora que a menina, todos os dias apenas levantada, a primeira coisa que fazia era pedir com toda a avidéz que lhe dessem o jornal para ler o romance. . .

— E que mal tinha isso?

— Já que a senhora quer, dê-me licença para contar uma historia.

— Conta o que quizeres.

— Quando eu era moça, estive na companhia de umas pessoas muito tementes a Deus. Mas havia lá uma que me levou umas novelas para eu ler. Tomei do livro e comecei a gostar d'aquellas cousas, mas veio-me logo o escrupulo de que não seria bom saber taes vidas, que eram peores que muitas que minhas tias não davam licença de se contarem em casa. E então pensei comigo: se eu não posso falar de certos escandalos, como poderei ler outros peores? Para me tirar de duvidas, a primeira vez que veio a casa o nosso pároco, mostrei-lhe o livro e perguntei-lhe se o podia ler. Viu-o e respondeu-me que não. Mas eu, que já estava interessada naquelles enredos e desejava saber como tinham acabado certos negocios, pedi-lhe licença para acabar a leitura, certa de que auctorizada com a licença do pároco já não fazia pecado. E acrescentei que até me fazia bem para distrair. Calou se por então o bom do sacerdote, introduziram se em seguida outras conversas e quando eu já não pensava no livro, diz me aquelle homem de Deus:

— Quero pedir-te um conselho.

— O senhor pedir-me um conselho a mim?

— Sim, ando tão aborrecido que para me distrair resolvi envenenar-me.

— Crêdo! acudi eu.

— Não te espantes, que o veneno que eu quero tomar é um veneno muito doce, muito saboroso, que vae inebriando sem a gente dar por isso. Que me dizes, posso eu tomar este bello veneno?

Eu abri os olhos muito espantada com aquella pergunta, que me parecia o suprasummo da loucura.

Então aquelle zeloso pastor, — quem nos dêra muitos como elle, — acrescentou logo:

— Tu não queres que eu me envenene com um veneno saboroso, e queres tu que eu te deixe envenenar a ti? Não sabes que as más leituras são um veneno agradável á phantasia, mas faiaes á intelligencia, ao coração e aos bons costumes? Para te não estragares nem corromperes, nunca leias esses livros que são um perigo manifesto para a innocencia. . .

Tinha razão aquelle zeloso sacerdote. As leituras são verdadeiro alimento do espirito e produzem na intelligencia e no coração os mesmos effeitos que a comida no corpo: se a comida é boa e sadia, nutre e alimenta as forças; se está corrompida e falsificada, envenena e estraga o organismo. E' assim a leitura: se contem só a verdade e inculca sentimentos nobres e elevados, enriquece o espirito, dá vida á intelligencia e

fortalece o coração; mas, se em vez de verdade contem toda a casta de erros e preconceitos, se desperta sentimentos ignobeis, se accende as paixões, então mata a innocencia, rouba a paz, perverte a vontade e occasiona todos os desvarios.

Ouve-se dizer tantas vezes: a mim não me faz mal ler os romances. Quem é o santo, quem é o novo Salomão que pôde falar assim? Quem se pôde vangloriar de não se deixar abraçar pelo fogo depois de se ter arremessado ás chamas? Quem se pôde subtrair ao influxo das más companhias?

«Eu não sou a rosa, dizia M.^{me} de Sévigné, mas estive junto d'ella e algo tomei do seu perfume». Do mesmo modo o que lê esses livros pôde dizer tambem: eu não sou o erro, mas tive o na intelligencia e algo me ficou dos seus miasmas.

Uma alma verdadeiramente piedosa, se ama a innocencia, se não quer expôr-se ao perigo certo e manifesto de se perverter, não deve, não pôde ler esses livros que despertam as paixões, aplaudem a corrupção e fazem a apologia dos maiores escandalos sociaes.

As pessoas devotas de Nossa Senhora não os lêem certamente, porque lh'o vedam, além de mil outras razões, o amor e devoção que professam á Virgem Immaculada.

ARQUIVANDO

Continuando a transcrever o que os jornaes disseram a seguir ás Aparições, cabe hoje a vez a uma carta do conhecido lente da Universidade Dr. Gonçalo X. d'Almeida Garrett, ha pouco falecido:

«A veracidade das aparições sobrenaturaes em Fátima, deve ser tratada e discutida em bases novas, sem dependencia da acção nervosa do organismo humano. Convem assim nos tempos presentes.

Concorram todos a Fátima, para de seu proprio criterio, ver e observar os factos surprehendedentes que ali se estão manifestando actualmente.

Nem decorridos são dois anos, desde 13 de Outubro de 1917, dia tão memoravel para o paiz inteiro. Como por encanto, já foi levantada, junto á asinheira de benção, uma devota capelinha, com a invocação da Virgem do Rosario.

Ali é extraordinaria a concurrencia de pessoas, com fervorosas preces, em cumprimento d'um voto, ou por graças alcançadas.

Em Fátima tem havido fenomenos singularissimos, de ordem superior, independentes da nossa vontade, imaginação ou reacção do nervosismo humano, os quaes são inexplicaveis á face da sciencia. Foram observados por muitas centenas de pessoas, de todas as cathogorias. Não devem por isso ficar no olvido, pela sua grande importancia na determinação do verdadeiro character da natureza de taes manifestações.

No dia 13 de maio de 1917, pouco depois do meio dia, em Fátima, esta-

vam sentadas tres innocentes creanças do campo e sem instrução, junto d'uma viridente asinheira.

De repente viram, entre os seus ramos, uma Imagem de Senhora, que lhes disse ser a Senhora do Rosário.

Anunciou e prometeu voltar de novo, ao mesmo local e á mesma hora, nos dias 13 dos mezes de maio (Conceição), a outubro (Rosário). Mas prometeu dar signaes extraordinarios e miraculosos da sua presença, n'esses dias, a todos os presentes.

Eram ao todo 6 aparições incluindo a primeira. Ordenou ás creanças, que tambem voltassem e fizessem que ali fossem outras pessoas rezar.

Em confirmação da veracidade d'esta primeira aparição, dá-se a circumstancia extraordinaria e pasmosa de duas prophecias.

1.º Disse que havia de voltar a manifestar-se ás creanças nos dias annunciados; 2.º Que daria signaes extraordinarios, superiores, evidentes, de sua presença entre os ramos da asinheira abençoada.

Nos dias e hora previamente designados pela aparição, chegavam pontualmente ao local as tres creanças. Logo que a Jacinta, a mais velha, proferia as palavras: — Ela ahí vem — elevava-se da terra ao Ceu, junto da pequena asinheira, uma suave nuvem de fumo, similhante á do incenso.

Este phenomeno foi visto e observado distinctamente, pelas pessôas atentas e circumspetctas, todos os 5 dias, no momento de se realisarem as aparições, nas horas previamente marcadas.

No dia 13 de Agosto era já numerosissima a concorrência de pessôas de muitos pontos do paiz.

A autoridade, julgando reduzir o grande concurso e causar desilusões nas pessôas crentes, levou para longe as tres creanças, declarando falsamente aos paes que ela propria as conduziria á carrasqueira. Algum tempo antes do momento prefixo e conhecido, chegou ao local a noticia de que as creanças estavam detidas pela autoridade, valendo-lhe a distancia para se não fazer logo a justiça devida.

Para confusão dos incredulos, as manifestações extraordinarias foram evidentes, no mez de agosto, em confirmação de presença do sobrenatural em Fátima, junto á viridente asinheira. No momento preciso, levantou-se uma nuvem de fumo, mais intensa, em fórma de corda rosada formosissima, subindo mais alto ao Ceu e por tres vezes.

Ficou assim plenamente confirmada a aparição d'este mez, apesar da ausencia das creanças.

Completaram-se todas as manifestações da nuvem de fumo em Fátima, as quaes haviam sido, com antecedencia, annunciadas pelas creanças, segundo a prophecia da Virgem do Rosário.

A todas as aparições correspondeu sempre, junto da asinheira, a manifestação externa d'uma nuvem de fumo.

E' porém de necessidade absoluta verificar que não ha memoria, de se ter dado em Fátima phenomeno al-

gum conhecido, meterologico ou geologico, analogo á manifestação da nuvem de fumo, subindo da terra ao Ceu, junto á carrasqueira de benção.

Desde os tempos mais remotos até 13 de maio de 1917, em que se deu a primeira manifestação ás creanças, não ha memoria de se ter dado, em Fátima, phenomeno semelhante da nuvem de fumo, nem mesmo depois da ultima manifestação memoravel do dia 13 de Outubro. Semelhantemente, no periodo de 13 de maio a 13 de Outubro, nada houve, com excepção dos dias com antecedencia designados pelas creanças.

Nos repetidos e rigorosos inqueritos a que teem sido sujeitas as innocentes creanças, sem instrução alguma, declaram firmemente e sem hesitar que era a Virgem do Rosário, ordenando que elas fossem, muitas vezes, rezar o Rosário, e que toda a gente concorresse a esta devoção tão abençoada.

A's aparições annunciadas tem correspondido sempre o cumprimento prophetico da manifestação externa d'uma nuvem de fumo.

Esta uniforme coincidência, junto á ramagem da viridente asinheira, mas sómente durante os dias previamente annunciados e horas certissimas, parecendo de pouca importancia, é um phenomeno assombroso, de ordem superior, do qual não se deduz explicação alguma plausivel de ordem natural.

Com os meus limitados estudos e conhecimentos não sei desvendar o mysterio, á face da sciencia, mas tão sómente da razão divina. Seja embora a manifestação do fumo, produzida por uma combustão incompleta, uma evaporação ou reacção chimica, em que não tem imperio o systema nervoso ou nervosismo humano.

Breves linhas para elucidar duvidas d'algun espirito meticoloso.

No dia sempre memoravel e extraordinario de 13 de Outubro de 1917, concorreram a Fátima mais de cem mil pessôas de todas as categorias sociaes e de muitos logares do paiz.

Logo depois d'esta aparição, a creança Jacinta declarou a muitas pessôas que a Virgem do Rosario lhe dissera, acerca da guerra europeia, o seguinte:

— A guerra acabou hoje.

A palavra hoje não designa em portuguez classico, sómente «vinte e quatro horas». Basta recorrer á phrase vernacula dos melhores autores: — hoje há uns costumes, amanhã outros.

Com venia da ex.^{ma} S.^a D. Magdalena Patricio, menciono a sua tão mimosa correspondencia relativamente a Fátima, na qual comprova, com verdade, haver a guerra terminado um ano certo depois de 13 de Outubro de 1917, entendendo-se como fim da guerra a assignatura do armisticio.

E' tudo maravilhoso e muito sem explicação natural o que se passou nos diversos phenomenos manifestados junto d'uma singela vergonteja de asinheira.

Castelo Branco, 27 de Setembro de 1917.

Dr. Gonçalo X. d'Almeida Garrett.

Voz da Fátima

Despezas

Transporte 48.555:600
Impressão do num. 45
(35.000 exemplares) 782:000
Impressão de cintas 30:000
Expediente e outras des-
pezas 160:000

Soma 49.527:600

Subscrição

(Novembro e Dezembro de 1925)

Albano Correia Rijo, 10:000; D. Maria José de Brito e Cunha, 10:000; Joaquim Pereira, 10:000; Condessa de Nova Goa, 50:000; Domingos José Capete, 10:000; D. Deolinda Carmelo, 10:000; D. Barata Rodrigues (de jornais), 35:500; D. Filomena Mesquita (de jornais) 48:000; Dr. Tomaz Gabriel Ribeiro (de jornais) 10:000; Dr. Jeronimo Sampaio, 10:000; D. Adelina Queiroz Caldeira, 10:000; D. Maria Rosa Barbosa Falcão, 10:000; D. Maria Joaquina Barbosa Falcão, 10:000; D. Joaquina Maria Barbosa Falcão, 15:000; A. A. Falcão de Oliveira, 15:000; D. Albertina dos Santos Silva, 10:000; Luiz Piato d'Aguiar, 10:000; Antonio Pereira Lopes, 10:000; D. Maria de Jesus d'Oriol Peaa, 10:000; Antonio Duarte Dias, 12:500; D. Maria da Conceição Alcantara Matheus, 10:000; D. Ana Corrente Soares, 10:000; D. Rita Novo, 15:000; D. Angelina Gordo Mimoso, 10:000; Ignacio de Moura Coutinho da Silveira Montenegro, 20:000; Padre Luiz Caetano Portela, 10:000; Padre José de Ceiga, 10:000; D. Maria Almeida, 15:000; Mosenhor Ramos Cruz, 12:000; D. José Belmonte, 10:000; Antonio Rodrigues da Bela, 20:000; José Fernandes, 10:000; Padre Antonio Alves Pereira, 10:000; D. Candida Clementina de Sá, 10:000; D. Anna Santos Mauricio, 15:000; D. Joaquina Lopes Brigidio, 10:000; Manuel J. da Trindade, 10:000; D. Luiza Emilia Pimenta de Nobrega, 10:000; D. Ana d'Oliveira, 10:000; D. Veridiana Maria Carneiro, 10:500; D. Joana Soares da Mota, 10:000; D. Florentina Antunes Andrade, 10:000; D. Gertrudes da Silva Nunes, 10:000; João da Silva Moutella, 15:000; De jornais, etc.— D. Celeste Maria de Souza, 12:000; D. Conceição Ramiro Serra, 5:000; Luciano Leandro Pires, 38:500; Josefa de Jesus, 76:250; D. Maria das Dorés Tavares de Souza, 168:500; D. Zulmira da Mota Galhardo, 48:700; D. Maria Sena Martins, 60:000; D. Maria Amalia Antunes de Moraes, 10:000; José Victorino de Carvalho, 10:000; Jacinto Fernandes Nunes, 10:000; D. Izabel Ribeiro da Costa, 10:000; D. Virginia Coelho Pote, 10:000; D. Herculana Sales, 10:000; D. Arminha Dias de Sá, 10:000; Antonio Gomes, 10:000; D. Maria Augusta de Almeida Pinto, 10:000; D. Gertrudes Rego Cordeiro, 10:000; D. Ignacia Soares Gomes, 10:000; Manuel Duarte Ortigoso, 10:000; José Maria de Faria, 10:000; João Maria de Souza, 10:000; D. Maria José de Napolles Reposo, 10:000; D. Joana do Rosario Silva Simões, 10:000; M. Ana Gonçalves Carrelo, 10:000; D. Hortensia de Mello Lemos e Menezes, 15:000.

VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vai sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quizer ter o direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adiantadamente, o minimo de dez mil réis.